

● Tensão no Paraíso: Aspectos da Intensificação do Turismo na Ilha Grande

● Rosane M. Prado*

Resumo

Com uma visão baseada na linha antropológica, a professora Rosane Prado trata do modo como o turismo tem interferido na vida das comunidades da Ilha Grande, Estado do Rio de Janeiro. Em três anos de pesquisa na ilha, ela procura avaliar o modo como os nativos da região interpretam o fenômeno turístico.

ivt Instituto
Virtual de
Turismo
www.ivt-rj.net



Laboratório de Tecnologia e
Desenvolvimento Social



Introdução

Quando se fala em "turismo", muitas coisas podem estar implicadas, e esse tema já constitui um campo disciplinar com significativa literatura correspondente. Uma das maneiras de olhar a questão é, por exemplo, focalizando "o turista"; outra maneira seria focalizando "as conseqüências do turismo" em determinados lugares. E diversos trabalhos, alguns dos quais se tornaram referenciais, já têm sido produzidos seja no sentido de qualificar a identidade ou condição de turista, seja no sentido de avaliar o impacto da atividade turística, ou, num plano mais amplo, de estabelecer conexões entre o turismo e a vida moderna. Da perspectiva antropológica que adoto, no entanto, o que orienta o olhar é a busca dos significados relacionados ao que esteja constituído como turismo, tanto no nível do discurso e das representações, quanto no nível das práticas e das relações sociais num determinado contexto¹. Assim, o que abordarei aqui é um caso em que "o turismo" passou a ocupar um espaço avassalador na vida do lugar - que é o caso da Vila do Abraão, na Ilha Grande, município de Angra dos Reis, RJ -, avaliando os significados que a penetração do turismo adquire e as questões que suscita em termos do esquema cultural local. Pode-se também dizer que se trata de avaliar aquilo que entendo como sendo as traduções locais de um tal fenômeno. Aqui me inspiro em Sahlins (1992, 1997) e sua abordagem da forma como nativos de diferentes lugares processam os conteúdos globalizados que se diz que o capitalismo lhes impõe.

É o meu terceiro ano de pesquisa na Ilha Grande e vejo como uma característica marcante em relação à Vila do Abraão - que é considerada como a porta de entrada da Ilha - a co-presença e a convivência de grupos muito diferentes, de atores sociais bastante díspares, com atributos e interesses

diversos. Mas há nisso um aspecto que se pode ver como uma marca estrutural: é que há diferentes segmentos que convivem na Ilha e com a Ilha, mas que, segundo uma categorização muito importante em termos locais, não é necessariamente da Ilha, não é "nativo". E acredito que isso tem um significado bastante relevante a ser considerado quando se pensa na maneira como as chamadas questões ambientais vêm sendo tratadas ali. A meu ver essa categorização está relacionada a um aspecto estrutural e estruturante do modo como se percebem os moradores da Ilha, e do modo como são levados a se perceber aqueles que ali vêm a conviver: quem é "nativo" e quem "não é nativo". Penso que, embora a classificação nativos versus não-nativos possa ser rastreada para trás na história da Ilha Grande, ela adquire um peso e uma significação especiais nesse contexto mais recente de ênfase no turismo². E nesse sentido, a Vila do Abraão é a localidade da Ilha que parece ilustrar mais claramente os diferentes aspectos de manifestação dessa classificação.

Na "história da Ilha Grande" repercutiram todos os ciclos econômicos reconhecidos na "história do Brasil", ao lado do que se considera como a cultura caiçara³. E no último século a Ilha esteve marcada por duas atividades às quais toda a população estava referida e que eram: a pesca; e as instituições carcerárias situadas nas vilas do Abraão e Dois Rios e simbolicamente condensadas na prisão da Vila Dois Rios, referida por todos como "o Presídio", com o qual a Ilha era freqüentemente equacionada. Com a grande redução da atividade pesqueira a partir da década de setenta⁴, e com a extinção do Presídio na década de noventa, o turismo vem se consolidando como a atividade econômica mais importante do lugar (cf. Mello 1997). Outra marca recente

* Rosane M. Prado é Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS/Museu Nacional/UFRJ-Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Depto. de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ-Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1 A propósito, ver Banducci 2001 e Steil 2002. Ver também as conclusões de Araújo, na sua avaliação de dois paradigmas de interpretação da questão, que correspondem a imputações de autenticidade versus pseudo-acontecimento ao fenômeno do turismo, onde sugere que "os estudos sobre o turismo devam não apenas considerar o turista como um elemento em si mesmo, mas apreciar o turismo como uma rede de relações sociais culturalmente definidas". (Araújo 2001:62).

2 Não tenho a intenção de reconstituir uma história dessa questão, nem genericamente - reconhecendo que é um tema clássico na antropologia o tema do "outro" perante o qual os grupos humanos se defendem e se definem - nem na Ilha Grande, mas sim de considerá-la a partir das transformações recentemente ocorridas na Ilha.

3 "Caiçara" é o termo pelo qual se designa o modo de vida dos nativos de uma faixa do litoral brasileiro. Assemelhando-se ao uso do termo "caipira" aplicado para certos segmentos de uma região do interior, a idéia de caiçara refere-se a uma economia voltada para a subsistência, que inclui roça e pesca, e corresponde a marcas culturais peculiares. Caiçara é também o termo utilizado para aqueles que se consideram os "verdadeiros" nativos da Ilha Grande.

4 Tal redução da pesca comercial se deu a partir da década de setenta em função de diferentes processos concomitantes e correlacionados, tais como: a pressão de grupos externos de pesca industrial de grande porte; a redução dos mananciais; o fechamento das fábricas de sardinha locais; a criação das unidades de conservação; a expulsão dos caiçaras pela especulação imobiliária. Hoje, das diversas comunidades/praias da Ilha, apenas a de Provetá vive da pesca, sabendo-se que os donos de barcos também se dedicam ao trabalho com traslado de turistas nas épocas propícias.

da Ilha é o fato de corresponder a diferentes unidades de conservação, criadas a partir da década de setenta⁵.

Muito eloqüentes e expressivas da mudança do eixo econômico da atividade da pesca para o eixo econômico da atividade do turismo na Ilha, são algumas das antigas fábricas de sardinha hoje transformadas em pousadas que podem ser vistas nas diferentes praias da face da Ilha voltada para o continente. Fisicamente adaptados e reapropriados numa nova função, os simpáticos prédios com um padrão arquitetônico todo peculiar indicam concretamente essa passagem: da pesca ao turismo. Mas em correlação com tal passagem, deve ser considerado um fato mais recente, e marcante na vida da Ilha Grande, que foi, em 1994, a desativação seguida da implosão "do Presídio" - o Instituto Penal Cândido Mendes, situado na Vila Dois Rios, e que ali existia desde 1903 -, fato esse visto pela maioria dos moradores e freqüentadores da Ilha como responsável por uma grande intensificação do turismo. Embora se possa discordar dessa equação direta da desativação do Presídio com o aumento do turismo (cf Wunder 2000), na visão local existe um consenso sobre a questão; atribuindo-se à eliminação do Presídio, não só o que se diz ser essa "explosão" do turismo, como também o que se diz ser a exposição da Ilha a uma verdadeira "invasão". Tal invasão, que se vê, portanto, como ocorrida dentro da última década, pode ser traduzida tanto pelo afluxo dos próprios turistas como pela especulação imobiliária, articulada ou não com os empresários do turismo e toda a infraestrutura criada para atender às novas demandas da atividade turística.

Se a passagem "do presídio ao turismo" é, na visão de muitos, um eixo explicativo para o que vem ocorrendo na Ilha, a Vila do Abraão - a "capital da Ilha", onde aportam

e de onde saem as barcas de passageiros em conexão com Angra e Mangaratiba - parece condensar as repercussões desse fato. É uma Ilha agora vista como "exposta", "invadida". Há o caso dos caiçaras que saíram, expulsos de diferentes praias pela especulação imobiliária, e há o caso dos que ficaram e tentam adaptar-se e tirar proveito da nova situação; mas é no Abraão que são reconhecidas com mais clareza as traduções daquela eclosão, naquilo que alguns consideram como um Abraão literalmente "detonado"⁶.

Sendo em grande parte considerada como área de proteção ambiental, e uma vez liberada da sombria e restritiva presença do Presídio, a Ilha Grande passa a ser representada pela idéia de um "paraíso ecológico" a ser visitado e usufruído mas também preservado. Naturalmente que é nessa idéia que se funda o apelo turístico para o lugar, como se pode ver nos folhetos de divulgação e nos sites referentes ao lugar. O turismo aí, portanto, só poderia ser o que se entende como ecoturismo. Mas, a exemplo de outros casos conhecidos de "paraísos", rotulados ou não como ecológicos, (dos quais talvez Búzios, no Estado do Rio, e a região de Porto Seguro, na Bahia, sejam dos mais notórios), isso pode significar uma incongruência, o mesmo se podendo dizer da pretensão de se juntar turismo com preservação - no sentido de que, não havendo o delicado controle e o planejamento que a situação demanda, o que acaba acontecendo é a destruição do objeto de atração e/ou de preservação. (cf. Lorenzo 1996)

O Abraão parece já ter caído nessa armadilha, representando aquilo que as outras comunidades da Ilha não querem ser. Ali, não só tem se fixado uma boa parte dos recém-chegados interessados na atividade turística, mas também é onde se hospedam e por onde quase que necessariamente

⁵ A Ilha Grande corresponde a diferentes Unidades de Conservação, criadas a partir da década de setenta, através de diferentes legislações e geridas por diferentes instâncias governamentais: APA Tamoios, Parque Estadual da Ilha Grande, Reserva Biológica da Praia do Sul, Parque Estadual Marinho do Aventureiro.

⁶ "Essa passagem é vivenciada de forma diferenciada pelos habitantes das diversas comunidades da Ilha, segundo visões e interesses também diferenciados. Em algumas praias, como no Aventureiro e na Pamaioca, as famílias dos pescadores, ou expescadores, ganham nas épocas de temporada cedendo seus terrenos para acampamento dos turistas do tipo mochileiros. É disso que tiram seu sustento. Nesse caso, é fácil ver que, uma vez fechadas outras possibilidades, esta possa ter-se tornado do maior interesse para tais comunidades. Mas, por outro lado, além dos conflitos existentes em função de se tratar, na maior parte, de unidades de conservação ambiental sujeitas a uma série de restrições, existe toda uma resistência em relação às conseqüências do que é referido genericamente como 'turismo' e que envolve muitas questões. Nesse sentido, é o Abraão o foco e a fonte dos muitos questionamentos." (Prado, 2000: 10)

passam os muitos turistas que vêm visitar a Ilha. Paira no ar um medo de que o Abraão vá "virar uma Angra" (Angra dos Reis, a cidade sede do município, tida como o exemplo de uma urbanização a mais precária e desorganizada) e de que as demais praias vão "virar o Abraão", esse que ninguém quer ser, com tal afluxo de gente, com as mudanças que descaracterizam. Diz-se que o número de pousadas era de meia dúzia há apenas alguns anos e que agora está em torno de oitenta, e sempre mais algumas podem ser vistas em construção⁷. Uma observação que qualquer um pode fazer em relação à Vila do Abraão é que ela parece ao mesmo tempo uma agência imobiliária - com um anúncio a cada passo, de aluguel "por temporada", de casas, quartos, "kitnetes"; ou placas com os preços das diárias dos campings e das pousadas - e um canteiro de obras - com construções, na maioria de dois andares, igualmente encontradas a cada passo ao longo de todos os percursos da vila. Se, de um lado, há sempre uma construção nova ou acréscimos nas casas e pousadas já existentes, indicando nitidamente uma expansão - que abrange ricos e pobres, nativos e não-nativos -, por outro lado, nas colocações de muitas pessoas de diferentes segmentos sociais, aparece uma preocupação com tal expansão: "alguém tem que dar uma trava"; "chega de pousada"; "tem que congelar".

Por trás dessa preocupação estão vários fatores, um dos quais é o reconhecimento, ligado à questão referida acima, da destruição do próprio objeto de atração, no sentido de que tal quantidade de prédios, vários deles com dois pavimentos, já vem gradativamente comprometendo a paisagem bucólica da Vila. Outro é o que correlaciona o aumento das possibilidades de hospedagem com a perspectiva do aumento correspondente de visitantes, que

o lugar "não suporta". Outro fator ainda da preocupação, e que se encadeia com os anteriores, traduz-se na idéia de que "antes era melhor" - que também se pode ler como "no tempo do Presídio era melhor" - com duas conotações principais e igualmente correlacionadas: era melhor porque "era mais seguro", o Presídio garantia; e era melhor porque "a Ilha era mais Ilha", não entrava nem ficava tanta gente, eram pessoas e costumes só dali. A idéia de que "no tempo do Presídio era melhor" é como uma vinheta, ou uma pontuação que se ouve todo o tempo entre os moradores da área de Abraão e Dois Rios, com esse mesmo sentido da segurança que consideram que aquela instituição penal plantada ali oferecia. Isso é algo previsível de se escutar nas conversas e nas entrevistas sobre a vida local (cf. Prado 2000, Machado 2001 e Sousa 2002); complementado com comentários no sentido de que não se tinha medo dos bandidos que fugiam da prisão como se tem hoje desses - "qualquer um" - que podem chegar e entrar sem controle nenhum. É o que se pode ver nas seguintes referências irônicas: "Antes eles [os bandidos] vinham obrigados e queriam sair a qualquer custo. Hoje, eles vêm espontaneamente e não querem sair de maneira nenhuma". "O Presídio segurava. Ao preso desconhecido a Ilha Grande agradece". Assim, o que se diz, em última instância, é que o Presídio garantia não só a ordem e a segurança como também a preservação da Ilha, que não era tão assediada. .

Os problemas se exacerbam nos feriados, Ano Novo, Carnaval, Semana Santa, e na alta temporada do verão, e que pude presenciar em sucessivos janeiros. Essa guinada no Abraão em função do turismo se deu sem qualquer planejamento ou ordenamento - isso é o que agora todos reconhecem e querem consertar, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, continuam

⁷ Segundo listagem de 2002 da Prefeitura, são 65 as pousadas existentes na Vila do Abraão.

seguinto em frente dentro desse esquema atropelado. Ali se acumulam problemas de toda ordem, desde questões de infraestrutura que atingem igualmente a todos, até questões que são objeto de disputas entre os diferentes segmentos sociais que ali interagem, em razão das respectivas posições em relação à demanda turística e diante de uma lógica do lucro que parece que toma conta de tudo. E essa lógica do lucro também se exacerba naquelas ocasiões de pico, quando cada um quer "ganhar o seu". O Abraão fica parecendo um grande comércio desvairado - "tudo virou dinheiro", reclama um morador - e o verão é a hora de todo mundo defender o seu; tudo se vende, tudo se aluga, enquanto um acúmulo de lixo vai se formando. Os chamados ambulantes, com os quais a fiscalização do Parque e da Prefeitura vive a lutar, essa é a hora deles; postam-se nos lugares onde há mais demanda daquilo que oferecem: água, cerveja, refrigerantes, biscoitos ... para matar a sede e a fome de tanta gente perambulando na Ilha no calor de janeiro; imagine-se no Carnaval. Também uma parte do comércio estabelecido tende a desrespeitar os regulamentos quando, por exemplo, avança sobre os espaços da rua com suas mesas e cadeiras. Há discórdia quanto ao barulho da música até tarde em lugares de diversão mais afastados do centro e próximos de pousadas que pretendem o sossego para seus hóspedes. Também os barqueiros de passeio podem se desentender pelo desrespeito de alguns aos acordos do grupo. A impressão que se tem é de que todos estão disputando com todos, em face de regras que não funcionam e de pactos que não se consegue fazer ou sustentar. É um Abraão denso e tenso, muito ao contrário daquele apelo do paraíso ecológico - o Parque logo ali do lado, as trilhas para as tantas praias, a beleza luminosa - para o qual seria a porta de entrada, e muito ao contrário daquele apelo de NO STRESS das

camisetas vendidas aos turistas.

Tudo isso se relaciona com a visão dos nativos e dos freqüentadores mais antigos da Ilha no sentido de que "a Ilha não é mais a mesma", lembrando-se de que é comum as pessoas se referirem às respectivas localidades na Ilha como "a Ilha". Assim os que dizem no Abraão que "a Ilha não é mais a mesma", estão se referindo mesmo ao Abraão, que, na verdade, tornou-se um lugar cosmopolita, com cyber-cafés e restaurantes com cardápio em inglês. O turismo, que é a fonte disso tudo, é encarado de maneira ambígua, na medida em que, se, de um lado, a ele se atribui toda a mudança da vida local da qual os antigos moradores e freqüentadores sentem falta, de outro lado é valorizado porque "trouxe emprego" sendo a perspectiva que resta depois que a pesca e o Presídio acabaram. Assim, ao lado da nostalgia por um outro tempo e das reclamações em relação a essa "invasão" da Ilha, que são mais expressadas pelos adultos e os mais velhos, aparecem também colocações no sentido de valorizar o que o turismo oferece de oportunidades para todos. Um antigo morador do Abraão sintetiza em sua fala: "Aquele rio, nadei ali" - ele se refere a um dos riachos que cortam a vila, hoje transformados em verdadeiros valões poluídos e cheios de lixo - "A Ilha toda cresceu muito ... não está preparada para tanta gente ... Se alguém não der uma trava ... Cresceu, deu emprego, mas está na hora de parar. Cachoeira acabou. ... Você não vê mais morador da Ilha, tudo é novo. Não pode deixar construir mais pousada."

Note-se que nesse discurso nostálgico estão indicados muitos dos componentes da questão das mudanças bruscas que a localidade sofreu, e inclusive aquele aspecto que marca as relações sociais locais que é a questão da polaridade entre os "nativos" e os "não-nativos". A menção ao fato de que "agora tem mais gente de fora do que da

Ilha" ("cadê os nativos?", "agora a maioria do povo do lugar é de fora", "a gente não sabe mais quem é quem"), assim como aquela referente ao fato de que o tempo do Presídio era melhor, é também uma vinheta para o discurso dos nativos no eixo Abraão-Dois Rios. São as marcas do esquema cultural local que afloram com força diante das mudanças que se apresentam.

Entre ser "nativo" ou "não-nativo", há muitas maneiras de as pessoas se colocarem, que variam conforme o contexto⁸, e há também indicadores que permitem perceber essa condição na vida cotidiana. Um deles é exatamente o modo como as pessoas se manifestam a propósito do "tipo de turismo" desejável, o que leva a posturas diferentes tanto entre os nativos como entre os não-nativos. Uma certa camada de pousadeiros e donos de estabelecimentos comerciais quer um "turista de qualidade", o que pode significar "civilizado", não poluidor, mas também "com recursos" por oposição ao que chamam de "durista", o que é colocado às vezes com um tom discriminatório, implicando uma equação entre rico-não poluidor e pobre-poluidor. Dentre esses segmentos existe uma ala que tem a clara preocupação com uma escolha pelo ecoturismo, que entende ser a solução adequada para a Ilha, o que excluiria uma série de práticas ("barulhentas e poluidoras") de lazer e entretenimento já instituídas no Abraão. Nessa mesma linha se propõe o controle da entrada de pessoas na Ilha - baseado na idéia de "capacidade de carga" -, o que igualmente pode passar por soluções discriminatórias, como tirar as barcas que vêm por Mangaratiba (ou diminuir a sua quantidade) nos feriados, "porque aí já elimina o pessoal da Baixada", "os que vem só pra passar o dia e deixar o lixo", ou cobrar taxa. Já os nativos, de sua parte, parecem ressentir-se do assédio turístico da mesma forma pela qual se ressentem genericamente

em relação ao que chamam de "invasão" e ao fato de que "a Ilha não é mais aquela". Mas há uma clivagem clara no sentido de que, de um modo geral, da parte dos empresários do turismo que vêm de fora - sejam pousadeiros, barqueiros ou donos de outros estabelecimentos comerciais -, há uma cobrança de "profissionalismo" que eles querem exercer e que demandam igualmente dos nativos; enquanto que estes estão interessados em adaptar-se da melhor maneira possível, tirando proveito do jeito que for melhor para encaixar seus recursos e suas capacidades, mediante as suas próprias necessidades nesse contexto.

Aqui sobretudo - nesse aspecto tão básico da vida local, que é a reação ao turismo - pode-se ver a conexão com os temas ecológicos, em torno dos quais a polaridade entre nativos e não-nativos se torna bastante eloqüente. Nesse contexto, que é visto de várias maneiras como de assédio à Ilha Grande, há uma clara disputa dos atores presentes - moradores, freqüentadores, ongs ambientalistas, órgãos públicos ambientais - em torno de uma mobilização para "salvar a Ilha". As diferenças ficam por conta de salvar por quê, para quem. Essa situação pode ser vista como um caso de estabelecidos e outsiders no sentido em que Elias & Scotson (2000) registraram no seu trabalho, sendo que, no Abraão, ao contrário do caso analisado por esses autores, de um modo geral, os "estabelecidos" - que têm um diferencial de poder a seu favor - são os que vieram de fora, os que chegaram recentemente e se instalaram como empresários do turismo; enquanto que os "outsiders" - os excluídos do poder - são os nativos/moradores antigos, que se tornaram empregados do turismo. Mas, ao que parece, os "nativos" do Abraão reagem com um outro poder - com fortes repercussões simbólicas e práticas - que é o de se manterem impermeáveis ou resistentes

⁸ "Como toda categoria que diz respeito à identidade social, essa também é acionada contextualmente em função de uma contrastividade (em relação a quem se vê como não-nativo), sendo referida a valores (o que significa ser nativo) e atributos (o que caracteriza os nativos); e, no caso, recobre gradações e hierarquizações no sentido de se ser "mais" ou "menos" nativo, o que implica mais ou menos peso e prestígio em determinada situação. Nessa gradação se poderia dizer, com muitas aspas, que a condição "mais nativa" no imaginário local corresponde aos "caíçarás", que são vistos como os verdadeiros nativos da Ilha - esses, romanticamente referidos por alguns como representando a Ilha como era e como devia ser - e cuja designação é freqüentemente usada como sinônimo mesmo de nativo. Para a outra ponta, a dos não-nativos, é mais difícil de definir a categoria correspondente, mas a polaridade parece mais eloqüente em relação aos "pousadeiros" e outros empresários do turismo que vieram de fora - sobretudo os que vieram mais recentemente - e se estabeleceram ali com um poder econômico de vários graus. (...) Assim, podem ser constatadas algumas superposições de um lado e do outro, envolvendo inclusive uma questão de classe: "nativos" / "pobres" / empregados / tradição local, de um lado; "não-nativos" / "ricos" / patrões / ambientalistas, de outro lado. E da mesma forma podem ser verificados episódios e situações que ilustram essa polarização, como as constantes acusações e queixas de parte a parte." (Prado 2002: , 9)

às tentativas "civilizatórias" dos "de fora". Afinal quem entende do paraíso? Quem vai dizer o que é bom para a Ilha?

E essa reação se traduz, entre outras maneiras, pela queixa prosaica de que "o cara de fora não pode chegar aqui e ficar querendo ditar regra (...) chegar aqui e querer mandar em tudo - igual os PM's faziam; o povo toma isso como uma coisa contra ele". Note-se que essa reclamação remete a um sistema que vigorou anteriormente e que ainda guarda suas marcas na Ilha, que é o da cultura policialesca (cf. Gomes 2001). Com efeito, os nativos da Ilha Grande tiveram que fazer face a coisas, as mais variadas que, ao longo de um século, foram chapadas em cima dos esquemas culturais locais: instituições carcerárias, que ficaram condensadas na grande referência que passou a ser "o Presídio"; depois, para a Vila Dois Rios, "a UERJ" e tudo que advém de sua presença (um campus universitário com um centro de pesquisa); para diferentes populações, as unidades de conservação e suas regras, e para o povo do Aventureiro em especial, a mais restritiva delas, uma reserva biológica. Cabe à população local adaptar-se a tudo isso. No Abraão, agora, como diz um morador: "a gente pode escolher: ser empregado do empresário de turismo; ou ser empregado do empresário de turismo", o que começa a projetar-se para toda a Ilha.

Segundo nos ensinam os mestres da antropologia, a cultura de qualquer grupo social corresponde sempre a um processo histórico no qual as práticas e acontecimentos são concebidos de acordo com as experiências passadas, isto é, conforme os modelos culturais tradicionais, e são simultaneamente motivo de reinterpretação desses modelos. Como argumenta Clifford Geertz (1978), as categorias culturais correspondem a um sistema partilhado de símbolos que só têm

existência e significação através do uso que as pessoas de carne e osso fazem dos mesmos em suas ações e relações. E como afirma Marshall Sahlins (1992), as categorias culturais estão sempre em risco quando atualizadas na ação, na prática, dos atores sociais.

Em trabalhos nos quais se empenha em ilustrar esse fato, Sahlins (1992, 1997) nos mostra de maneira instigante como diferentes povos se apropriaram a seu modo das "imposições" do mercado, transformando-as, fazendo uso delas conforme seus valores e "interesses" demarcados culturalmente, e "devolvendo-as" - se não confrontando, afrontando o sistema do modo mais inusitado. No contexto da Vila do Abraão, na Ilha Grande, é possível tomar essas lições como referência para pensar as questões ambientais e do turismo. Vimos como o Abraão sintetiza, em termos da Ilha, toda a problemática de mudanças bruscas trazidas com a entrada não planejada do turismo e como isso implica questões a serem enfrentadas pelos diferentes segmentos sociais presentes. Todos têm algo a dizer, algo a sugerir, uma solução para dar a cada problema (a poluição de um modo geral; a infra estrutura que não agüenta o influxo de gente; capacidade de carga X a complexidade da situação para ser controlada em termos de quem entra; turismo de massa X ecoturismo; controle e repressão X educação ambiental), além de interesses diversos igualmente relacionados a tais problemas. No fundo desse cenário, destaca-se a polaridade entre os que se consideram "nativos" e os "não-nativos", que ilustra de maneira clara a questão dos processos culturais lembrada acima a partir da perspectiva antropológica.

Pode-se aqui fazer uma analogia com os muitos casos de "populações tradicionais" afetadas pela transformação de seus lugares em unidades de conservação, nos quais, para além da perplexidade dos habitantes originais, surge um inescapável conflito de

visões e interesses entre estes e o Estado que cobra o cumprimento da legislação. Embora não se possa falar de uma "população tradicional" no Abraão - ressaltando-se também todas as dificuldades de definição do que seja afinal uma população tradicional (cf. Diegues 1998 e Adams 2000) -, e se encontre ali não uma população nativa compacta mas sim muitos grupos coexistindo, o que parece ocorrer é que, em face dos muitos segmentos em presença, os que se pensam como nativos assumem o lugar que seria equivalente ao de tais populações. Como costuma acontecer naqueles casos, também no Abraão, na percepção dos ambientalistas, as visões nativas em geral são consideradas como uma "não-ecologia", isto é, como uma "ausência de", ao invés de "a presença de uma ecologia nativa" (uma "etnoecologia"), ou de uma visão peculiar. Assim é que, os nativos do Abraão de um modo geral também reagem, em princípio, sendo refratários "à ecologia", muitas vezes referida como uma entidade, uma coisa, que veio para atrapalhar: "e aí, chegou a ecologia..." (cf. Prado 2000).

As mesmas posturas se fazem presentes quanto às questões referentes ao turismo especificamente, como se, para os especialistas, ou os que se consideram mais apurados na matéria, os nativos tivessem que ser enquadrados basicamente no que se poderia resumir como um esquema "profissional". Aqui também é como se quissem civilizá-los nesse sentido; e aqui também a resistência é a mesma. Estamos diante de um embate de categorias culturais, entre as quais se acha a própria idéia de "paraíso ecológico". E, na convivência e no confronto de tantos grupos e interesses, os nativos da Ilha, se por um lado tornaram-se "outsiders" no sentido de excluídos do poder, exercem, por outro lado, uma posição - simbolicamente forte - de "estabelecidos", para dizer quem é que entende desse tal paraíso.

Nesse contexto de introdução de novos elementos, e sobretudo em relação à explosão do turismo que ocorreu na última década na Ilha, a polaridade entre "nativos" e "não-nativos", com todas as aspás e gradações sob as quais a categoria deve ser considerada (cf. Prado 2002), é um eixo pelo qual parecem passar todas as questões na Ilha e pelo qual certamente terão que passar todas as soluções.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Silvana Miceli
2001 - Artificio e autenticidade: o turismo como experiência antropológica. In BANDUCCI Jr., Álvaro e BARRETTO, Margarita (orgs.) Turismo e identidade local. Uma visão antropológica. Campinas: Papyrus Editora.
- BANDUCCI Jr., Álvaro
2001 - Turismo e antropologia no Brasil. In BANDUCCI Jr., Álvaro e BARRETTO, Margarita (orgs.) Turismo e identidade local. Uma visão antropológica. Campinas: Papyrus Editora.
- CALVENTE, Maria Del Carmen M. H.
1997 - Ilhabela: turismo e território. In DIEGUES, Antonio Carlos (org.). Ilhas e sociedades
DIEGUES, Antonio Carlos
1998 - O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Hucitec.
- DIEGUES, Antonio Carlos e NOGARA, P.
1994 - O nosso lugar virou parque. São Paulo: NUPAUB/CEMAR/USP.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L.
2000 - Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- GEERTZ, Clifford
1978 - A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar.
- GOMES, Marcus Machado
2001 - A natureza sob vigilância: Etnoecologia e ethos penitenciário na Ilha Grande. Monografia de Graduação. Depto. de Ciências Sociais / Instituto de Filosofia e

9 Ver, por exemplo: Diegues e Nogara 2000, Ioris 2000 e Queiroz 2000.

- Ciências Humanas / UERJ.
- IORIS, Edviges
2000 - Conflitos em unidades de conservação com populações locais: o caso da Floresta Nacional de Tapajós. Brasília: XXII Reunião Brasileira de Antropologia, Fórum de Pesquisa "Conflitos Sócio-Ambientais e Unidades de Conservação", mimeo.
- LORENZO, Rosa Amélia Fortes Garcia
1996 - "A que passos andam as tartarugas. Estudo sobre o impacto sócio-cultural do turismo em Praia do Forte". Salvador: XX Reunião Brasileira de Antropologia, GT "Ambiente, População e Cultura: Grandes Projetos e Populações Locais", mimeo.
- LUCHIARI, Ma. Tereza D. P.
2000 - Turismo e cultura caiçara no litoral norte paulista. In RODRIGUES, Adyr Balasteri (org.) Turismo. Modernidade. Globalização. São Paulo: Hucitec.
- MELLO, Carl E. Vieira de
1987 - Apontamentos para servir à história fluminense (Ilha Grande) Angra dos Reis. Angra dos Reis: Conselho Municipal de Cultura.
- MELLO, Érika
1997 - Turismo e desenvolvimento social na Vila do Abraão. Um estudo sobre a modificação na estrutura de consumo. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: EICOS/Centro de Filosofia e Ciências humanas/UFRJ.
- PRADO, Rosane
2000 - Depois que entrou o Imbamba: Concepções de preservação ambiental entre a população da Ilha Grande. Brasília: XXII Reunião Brasileira de Antropologia, Fórum de Pesquisa "Conflitos Sócio-Ambientais e Unidades de Conservação", mimeo.
- 2002 - Quem entende do paraíso: Estudo sobre percepção e políticas ambientais num contexto de unidades de conservação. Gramado: XXIII Reunião Brasileira de Antropologia, Fórum de Pesquisa: "Processos institucionais de administração de conflitos e produção de verdades no espaço público. Abordagens interdisciplinares em uma perspectiva comparada", mimeo.
- QUEIROZ, Ruben Caixeta de
2000 - Multiculturalismo versus multinaturalismo na Estação Ecológica da Juréia. Brasília: XXII Reunião Brasileira de Antropologia, Fórum de Pesquisa "Conflitos Sócio-Ambientais e Unidades de Conservação", mimeo.
- SAHLINS, Marshall
1992 - Cosmologias do capitalismo. Religião e Sociedade v. 16, n. 1/2. Rio de Janeiro: ISER.
- 1997 - O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). Mana 3/2 (Estudos de Antropologia Social), abril/1997. Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, UFRJ / Ed. Contracapa.
- SOUSA, Tatiana Caldeira de
2002 - Tão perto e tão longe: Uma abordagem antropológica da relação entre a UERJ e a comunidade da Vila Dois Rios. Monografia de Graduação. Depto. de Ciências Sociais / Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / UERJ, mimeo.
- STEIL, Carlos Alberto
2002 - Turismo como objeto de estudo no campo das ciências sociais. In RIEDL, Mario, ALMEIDA, Joaquim Anécio e VIANA, Andyara Lima. Turismo rural. Tendências e sustentabilidade. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- WUNDER, Sven
2000 - Big Island, green forest and backpackers, mimeo.